



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DANIELA ALVES

2015

**CEME-ESEF-UFRGS
MUSEU DO FUTEBOL**

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias: Visibilidade para o Futebol Feminino

Número da entrevista: E-721

Entrevistada: Daniela Alves

Nascimento: 12/01/1984

Local da entrevista: Museu do Futebol

Entrevistador: Luciane Castro e Edson e Lima

Data da entrevista: 26/09/2015

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: sem registro

Páginas Digitadas: 18

Observações:

A entrevista foi realizada durante a sexta edição do Ciclo de Debates vinculado ao projeto Visibilidade para o Futebol Feminino desenvolvido pelo Museu do Futebol em parceria com a Epson, a Getty Images Brasil, a Rádio Central 3, o Coletivo Guerreiras Project e o Centro de Memória e Esporte. O Ciclo de Debates conta com a organização de Juliana Cabral, Lu Castro e René Simões.

Integra o *Programa Futebol e Mulheres*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em setembro de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início com a prática do futebol; Equipes de atuação; Títulos conquistados; Convocação para a seleção brasileira; Competições que atuou na seleção; Categorias de base na seleção; Atuação nos Estados Unidos e na Suécia; Finalização da carreira; Lesão; Jogar futebol como diversão; Reconhecimento; Experiência no futebol.



São Paulo, 26 de setembro de 2015. Entrevista com Daniela Alves a cargo da jornalista Lu Castro para o Projeto Visibilidade para o Futebol Feminino.

Daniela Alves - Olá, boa tarde, eu comecei nem eu me recordo... Eu era muito criança, então, sempre joguei futebol, lembro isso que eu sempre joguei futebol. Eu convivi com meu irmão e o meu primo, então, não tinha como convencê-los a brincar de boneca. Eu tinha que fazer os esportes masculinos: jogar futebol, brincar de bolinha de gude, de soltar pipa, essas coisas, para poder participar, senão eu ficava excluída. Não tinha outra menina próxima para eu poder brincar, então, eu sempre joguei futebol. Eu me lembro, era muito pequena e eu jogava no meio dos homens. Hoje, olhando para trás eu vejo isso: “Nossa, como eu era jovem ousada, ainda eu brincava no meio dos homens”. E não podia. Eu gastei muitas lágrimas para poder jogar porque tinha o preconceito vindo de casa. Meus pais não queriam que eu fosse brincar porque futebol era coisa de menino e só eu de menina, tanto que eu pensava que era só eu no mundo, de menina que jogava bola, nenhuma outra. Quando eu vi na TV jogando eu falei: “Nossa! Existem outras meninas que jogam futebol”. E eu tive que gastar muitas lágrimas, meus tios intercederam muito por mim para eu poder brincar... Eu entrava chorando e meu tio brigava com meus pais, aí eu voltava para o campo enxugando as lágrimas e ia correr descalço. Se eu colocasse um calçado - péssima - tinha que jogar descalço, então, meu início foi assim, jogando no campo de terra, na quadra, mas descalço e correndo para lá e para cá.

Lu Castro - No meio dos meninos?

Daniela Alves - No meio dos meninos.

Lu Castro - E quando que você começou a levar isso de modo sério? Falar assim: “Não, eu quero jogar bola, é isso que eu quero fazer!”.

Daniela Alves - Eu fui participar de um time no colégio, que eu também não sabia que tinha, e no colégio tinham outras meninas que jogavam. Foi a primeira vez que eu joguei



num time. Desse time sempre morei próximo, praticamente meu quintal, era uma quadra de futsal ou era um campo de futebol... Era meu quintal realmente e como eu entrei no time do colégio eles fizeram um jogo contra um time de campo e era desproporcional, jogar salão e jogar campo, mas eu como sempre... Correria, para mim foi assim: eu corri normal, mas as outras cansaram e quando a gente jogou contra esse time o treinador gostou muito e me chamou para jogar no time de campo. Foi aí que eu comecei a jogar campo, mas também com ele vindo falar com meus pais várias vezes, com outras meninas descendo para falar com os meus pais para eu poder treinar, poder participar.

Lu Castro - Qual que era a sua idade?

Daniela Alves - Eu acho que eu tinha 10, 11 anos, por aí, mas eu sempre fui grande.

Lu Castro - Você lembra o nome do time, desse time de campo?

Daniela Alves - Acadêmico Cidade Dutra¹.

Lu Castro - Que era da zona sul?

Daniela Alves - Isso. E de lá eu fui fazer meu primeiro teste que foi no Juventus da Moca² e eu, novinha, metida, passei no teste, mas falei: “Ah! Eu não vou ficar nesse campo de terra vermelha”. [RISOS] Eu falei: “Não, não vou ficar aqui não”. E não fiquei. Depois eu fui fazer outro teste no Palmeiras³, na época ficava em Amparo, no interior. Passei também, mas eu falei: “Eu não vou ficar porque eu não vou largar o meu estudo”. Eu não queria largar meu estudo, não tinha tempo para poder ir até lá e voltar para casa. Eu falei: “Não, passei, mas eu não vou ficar também”. Aí o último teste que eu acabei ficando. Foi engraçado porque o treinador ia levar algumas meninas para a Portuguesa⁴ e o treinador, na

¹ Acadêmico Cidade Dutra Futebol Clube.

² Clube Atlético Juventus.

³ Sociedade Esportiva Palmeiras

⁴ Associação Portuguesa de Desportos.



época, era o Wilson⁵, o Wilsinho, ele veio até aqui, eu acho, ele não queria que eu fosse porque eu era muito nova e para a competição tinha que ter no mínimo 15 anos para jogar. E eu tinha 12 para 13, aí ele falou: “Não, essa daqui eu não quero porque é muito nova, tem que esperar”. Aí o meu treinador na época muito insistiu para que eu fosse só brincar. “Deixa só ela ir para participar”. Aí ele falou: “Então está bom”. Eu fui com a Margareth⁶, a irmã do Cafú⁷ e outras meninas que jogavam. Ele acabou ficando comigo, dispensou outras e eu comecei lá. Iniciei com 13 anos em 1997 a competir numa equipe.

Lu Castro - E você começou... Você mudou, sempre jogou na mesma posição ou começou jogando... “Ah, eu comecei jogando na lateral eu fui parar no ataque, eu comecei no ataque e fui para na defesa, virei goleira”. Como é que foi?

Daniela Alves - Eu já joguei nas onze, já fui no gol, lateral, zagueira, volante, meia, atacante, joguei em todas. Eu só não gostava de jogar no banco [RISOS], nessa eu não jogava, eu fazia de tudo para estar nas onze, então, como eu era forte e tinha o raciocínio muito rápido eu jogava no ataque. Eu comecei no ataque e o treinador falou: “É melhor você vir para o meio porque você não vai receber bola lá na frente, não vai ter quem passe para você, então, você vem de trás, você consegue chegar no gol”. Aí eu fui para o meio campo, volante, meia, corria tudo ali, aí eu comecei ali, mas eu já joguei no gol, joguei na zaga, joguei de lateral esquerda, direita, meia, volante, atacante, fiz de algum todas.

Lu Castro - Uma coisa louca. Você jogou na Portuguesa, aí você começou na Portuguesa, mas dentro da Portuguesa você estava desempenhando todas essas... Você chegou a experimentar tudo isso ou isso veio no decorrer do seu desenvolvimento?

Daniela Alves - Não. Quando eu cheguei na Portuguesa com 13 anos e as meninas olhavam para mim me fuzilando: “Quem é essa menina aí com 13 anos?”. Então era reserva da reserva da reserva porque 13 anos... O time era muito bom, tanto que na época

⁵ Wilson de Oliveira Riça.

⁶ Margareth de Moraes.



você podia fazer três seleções fáceis: seleção do time da Portuguesa, seleção do time do São Paulo⁸, tinha no Rio o Vasco⁹, se eu não me engano, tinha muitas meninas boas mesmo que competiam, de alto nível mesmo, então, eu cheguei para disputar era com várias outras, mas eu fui fazendo meu trabalho, treinando e jogando, treinando e jogando e o treinador tinha medo de me por porque eu era muito nova, mas quando ele colocou primeira vez, foi contra o Vasco eu não me esqueço, no segundo tempo nunca mais eu sai.

Lu Castro - Eu estava com a pergunta aqui e me escapou, gente. Na Portuguesa, no Juventus com quem que você fez o teste lá, foi com a Magali¹⁰, você lembra?

Daniela Alves - Pergunta difícil [RISOS], não lembro.

Lu Castro - Quanto tempo a Magali ficou no Juventus?

Daniela Alves - Todos os anos.

Lu Castro - Todos os anos e a gente sabe que muita menina passou pelo Juventus, foi formada ali, e na Portuguesa você começou ali, mas quanto tempo você ficou?

Daniela Alves - Fiquei na Portuguesa de 1997 até 2001, se eu não me engano.

Lu Castro - Aí virou titular?

Daniela Alves - Não. Logo em 1997 eu já virei, com 13 anos eu já jogava porque eu sempre fui forte, tinha altura e tinha força [RISO]. E ele tinha medo pela minha idade de por... Com as outras, só que eu sempre joguei com os homens e eu nunca, na minha vida, tive medo de enfrentar nada, então, eu fazia aquilo com prazer, jogava porque eu tinha

⁷ Marcos Evangelista de Moraes.

⁸ São Paulo Futebol Clube.

⁹ Clube de Regatas Vasco da Gama.

¹⁰ Magali Fernandes.



prazer em jogar e sabia fazer aquilo independente se tinha um homem, um menino, uma menina o que fosse do outro lado para mim era indiferente.

Lu Castro - E os meninos entravam do mesmo jeito que você... As meninas competem de igual e com os meninos você sentia diferença, os meninos ficavam meio assim?

Daniela Alves - Imagina uma menininha pegando e dando um drible num homem e os outros tirando onda da cara dele, na próxima entrada, ele vinha como? Aí ele tomava outro drible... [RISOS] Aí era diferente porque eles me olhavam como menina, eu era uma menina sentada lá no campo querendo brincar, e eles olhavam e falavam: “Que essa menina quer?”. Aí os outros: “Quer brincar também, mas brincar descalça”. E eles: “Brincar? Ah, então põe ela só para correr para dizer que está brincando”. Quando eu pegava na bola eu dava um drible, outro drible, uma sainha que chama, um rolinho e um chapéu eles já ficavam: “Meu Deus, essa menina sabe jogar, não com ela não”. Entendeu? E eu jogava... E na Portuguesa foi assim: quando eu entrei eu joguei o que eu sei jogar e nunca mais fui para o banco e aí com 15 anos eu fui para a seleção, depois de iniciar na Portuguesa com 13 e com 15 eu já estava na seleção, com o finado seu Zé Duarte¹¹.

Lu Castro - E de títulos, o que você lembra?

Daniela Alves - Lembro, mas minha memória é muito ruim. A gente ganhou o Campeonato Paulista, a gente ganhou Copa Primavera, que se eu não me engano que tinha na época, eu ganhei bastante competições pelo Saad¹² onde disputei, joguei futsal, joguei futebol de areia, joguei todo tipo de futebol eu joguei.

Lu Castro - E essa, com 15 anos na seleção, na principal. Como é que foi chegar, porque você tinha uma seleção com nomes...

¹¹ José Duarte.

¹² Saad Esporte Clube.



Daniela Alves - Nossa! Vários nomes, era Sissi¹³, era Roseli¹⁴, Pretinha¹⁵, Formiga¹⁶, a Lêda¹⁷, a Fanta¹⁸... Então era a seleção! *Seleção*, então, o início foi difícil, não para mim porque o meu caráter era assim: eu vou, eu posso, eu sei fazer independente de alguém ache alguma coisa, entendeu? Então, quando eu cheguei eu coloquei a Roseli no banco, então, já gerou um desconforto entre as outras, não pela Roseli, que a Roseli não tenho o que falar dela, sempre independente de eu ter chegado e ela ter sentado, sempre foi uma pessoa muito boa que esteve ao meu lado, não me discriminou nada por eu ter chegado, ser nova, a mais nova da seleção e ter tomado o lugar de alguém. Mas pelas outras, as mais velhas, a Sissi, gerou um desconforto: “Como que ela chegou agora e é assim!”. Mas meu caráter era o mesmo, eu sempre tive a personalidade muito forte, então, não interferiu. Eu jogava da mesma forma, se houvesse alguma entrada mais ríspida eu devolvia e assim foi e assim eu mostrei quem eu sou e o que eu era e o que eu tinha de mostrar, então, aí eu tive o respeito, e aí nos demos bem e fomos levando.

Lu Castro - E a primeira competição com a camisa da seleção?

Daniela Alves - Foi, se eu não me engano, a Copa Nike, por quê? Em 1999 eu fui convocada para jogar o Mundial¹⁹, estava lá no grupo tudo, só que quando chegou o regulamento só podia a partir de 16 e eu tinha 15 anos e aí eu não podia jogar. Aí eu tive que ser desconvocada, tinha que fazer o gato ao contrário, ficar mais velha [RISOS].

Lu Castro - Ele é meu ajudante de entrevista, espera um pouquinho.

¹³ Sisleide Lima do Amor.

¹⁴ Roseli de Belo.

¹⁵ Delma Gonçalves.

¹⁶ Miraildes Maciel Mota.

¹⁷ Lêda Maria Cozer de Abreu.

¹⁸ Rosilane Camargo Motta.

¹⁹ Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada nos Estados Unidos.



Edson de Lima - Então, para ilustrar um pouco, a Daniela chega na Seleção Brasileira em 1999 com 15 anos porque não existia a seleção sub-20. A seleção sub-20 é criada em 2001...

Daniela Alves - Sub-19.

Edson de Lima - Sub-19 na verdade, mas disputou o torneio sub-20 e é um fenômeno porque ela chega antes da existência... Não vou dizer que a seleção foi criada por sua causa, esse fato que ocorreu tenha sido preponderante para existência porque era necessário também, mas não existia no Brasil as seleções de base competitivas. Poderia até seleção para amistoso mas para competição mesmo ela só surge em 2001.

Daniela Alves - Não tinha base no feminino não, tinha era só a principal. Depois sim, exatamente, teve a competição em 2001, o primeiro Campeonato Mundial Sub-19 que a FIFA criou...

Edson de Lima - Do qual você era a capitã.

Daniela Alves - Porque eu era nova e experiente, aí onde surgiram as outras meninas, a Cristiane²⁰, a Marta²¹, vieram dessa seleção, surgiram nessa época.

Lu Castro - Eu estou olhando aqui o que me mandaram ontem no “*Twitter*”, aí eu falei: “A Daniela Alves vai estar com a gente amanhã no Museu”. E muita gente de fora não pode estar aqui, tanto que a gente tem a transmissão via “*hangout*” e a Izzi²², ela me “*twittou*” um monte de coisa, então eu estou procurando as “*twittadas*” aqui que ela estava: “Ai, pede para a Daniela voltar, ela precisa voltar, ela é muito craque”. Mas desesperada, desesperada, porque muita gente sempre vai lembrar: Daniela Alves é craque, é essa referência, então eu estou procurando os “*twitts*” só para eu...

²⁰ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

²¹ Marta Vieira da Silva Viegas.



Daniela Alves - Pode ficar a vontade, não tem problema nenhum.

Lu Castro - Enquanto seu Edson ajuda com as perguntas.

Edson de Lima - Então Daniela, a respeito dessa Copa da Paz que você estava dizendo, você pode dizer mais alguma coisa, quem eram as jogadoras?

Daniela Alves - Ah, faz muito tempo, eu lembro muito forte da Fanta, que a Fanta foi a capitã e na época. Era uma figura muito engraçada, então, eu lembro muito, muito dela.

Edson de Lima - E você citou a Fanta e algumas jogadoras do Rio que jogavam em São Paulo, como era o caso da Leda que jogava na Portuguesa, chegou a disputar...

Daniela Alves - A Lêda, a Marisa²³, a Valéria²⁴.

Edson de Lima - Vocês, dentro da seleção, tinham algum tipo de rivalidade Rio-São Paulo? Porque são os polos mais desenvolvidos de futebol feminino no Brasil além do Rio Grande do Sul, obviamente.

Daniela Alves - Não existia rivalidade porque não tinha como você ir para uma competição já tendo rivalidade dentro do grupo, então você já ia sair na primeira fase, não tem como, tem que ter um grupo. Tinha, claro, na época de 2000 para trás, tinha muito, eu digo assim... Que o piso, o alicerce de alguém tem que ser o estudo, se a pessoa não tem estudo, não tem uma estrutura familiar principalmente, você não vai acrescentar em nada em lugar nenhum. Você tem que ter uma estrutura familiar e um estudo, então, tinham muitas coisas assim que eu, com treze, quatorze, quinze anos quando cheguei na seleção, eu vi coisas que eu, com a minha idade... Tinha gente com o dobro da minha idade que tinha uma mentalidade que eu não tinha, por causa disso, em 2000 depois da competição da

²² Nickname de pessoa não identificada.

²³ Marisa Pires Nogueira.



Olimpíada, eu parei de jogar. Eu fiquei seis, sete meses, parei de jogar e falei: “Não, eu não quero isso para mim, isso daí eu não preciso, isso não faz parte da minha vida, da minha índole, não fui criada dessa forma”. Vendo certas coisas, tinham muita vaidade, vaidade. Essa é a palavra! Vaidade entre comissão, entre atletas, então isso não...

Edson de Lima - Mas isso no clube ou na seleção?

Daniela Alves - Na seleção, que depois veio para o clube porque tinha gente do clube que fazia parte da seleção. Então, antigamente era tudo muito ligado e aí eu parei de jogar por causa disso. Eu não fui criada dessa forma vendo certas coisas... Minha criação foi outra e eu parei de jogar e falei: “Não, não quero isso para mim, isso daqui não vai agregar em nada na minha vida”. E parei! Voltei a jogar por causa da minha mãe, veja só, que não queria que eu jogasse. Voltei por causa dela. Quando eu parei de jogar o Paulo Dutra, na época era o coordenador lá da CBF²⁵, do futebol feminino, ele ficava ligando insistentemente para eu voltar por causa dessa competição sub-19 que tinha surgido, que aí eu ia ser a capitã e outras coisas. Pensei e falei: “Eu, como já passei por um período, eu posso mudar a mentalidade dessas novas que vem chegando, eu posso levar para um caminho diferente”. E eu estava estudando, estava fazendo informática, inglês na época. Então falei: “Não mãe, eu não quero voltar a jogar. Vou estudar”. E ele insistentemente ligando... Aí minha mãe: “Por que você não volta?”. Porque eu tinha parado de estudar... [RISO] Foi engraçado, a coordenadora do colégio chamou minha mãe no colégio e falou assim: “Melhor sua filha parar de estudar porque ela não vai aguentar”. “Por quê?”. Eu viaja, ficava trinta dias fora, quando eu chegava para o colégio eu pegava na mão dos professores e falava: “Me ensina essa matéria que eu estava fora e eu tenho prova, preciso aprender”. Então eu sempre gostei de estudar, eu pegava os professores e... Só que em 2000, pelo fato da Olimpíada, eu ficava muito tempo fora e eu não tinha como conciliar e aí a coordenadora chamou minha mãe e falou: “É melhor ela parar de estudar, ela não vai conseguir estudar e jogar”. Então parei e como eu fiquei parada a minha mãe falou: “Você

²⁴ Valéria Bonifácio.

²⁵ Confederação Brasileira de Futebol.



não está estudando, então, você volta e vê”. Falei: “Está bom, vou voltar”. E voltei nesse pensamento de poder direcionar para um caminho diferente, mostrar outro caminho e por isso que eu voltei de novo. Aí teve a competição e depois 2006 foi o Mundial novamente, aí em 2007... É, em 2007 foi o Mundial²⁶.

Edson de Lima - E o vínculo com os clubes qual era, Daniela? Era um contrato, era profissional? Como era esse vínculo com os clubes de vocês como atletas?

Daniela Alves - Eu sempre fui profissional, independente se o clube era profissional ou amador ou se fosse no colégio a competição. Eu sempre fui assim, sempre fui profissional de treinar, de focar, de ganhar, não gostava de perder... Se tem aquela lenda que a gente aprende com a derrota eu prefiro morrer burra [RISOS]. Perder não é comigo.

Edson de Lima - Mas existia contrato, você era contratada?

Daniela Alves - Nos Estados Unidos era profissional, quando eu fui para lá era profissional...

Edson de Lima - Estou perguntando aqui no Brasil, na Portuguesa?

Daniela Alves - Aqui não teve, nunca teve. Sempre amador, sempre foi amador, mas era estrutura profissional de ter horário para treinar, viajar, concentrar, tudo isso, mas no papel não.

Lu Castro - Mas o período que você jogou em clube aqui foi só jogando futebol? Em algum momento você teve a necessidade de jogar bola e trabalhar?

Daniela Alves - Não, sempre só joguei.

²⁶ Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na China.



Lu Castro - E antes de você ir para os Estados Unidos onde você estava jogando?

Daniela Alves - Eu estava na Portuguesa até 2000 aí depois teve a seleção. Aí eu parei de jogar e depois eu voltei para a seleção e daí eu fui para fora, fui para os Estados Unidos. Com dezenove anos aí já eu fui para os Estados Unidos.

Lu Castro - Fala um pouquinho para gente dessa transferência.

Daniela Alves - Sempre era a mais nova, a mais nova do grupo e lá você tem idade para sair, então, elas iam e eu não podia ir porque lá é com vinte e um. Se eu não me engano, você pode entrar nos lugares e eu era mais nova... Mas não tinha problema, para mim era assim: jogar, tanto numa final de Olimpíada quanto num bate bola ali, para mim era a mesma coisa porque eu gostava de fazer aquilo. Aquilo eu fazia com amor, me sentia bem, eu tinha prazer de estar jogando independente se era uma final ou se era um bate bola. Para mim era divertido igual, entendeu? Só não gostava de perder como eu não gosto até hoje. Então lá eu joguei com as meninas da seleção americana. Como eu já conhecia que tinha competido, e elas admiravam a minha fama porque eu era muito nova e jogava bem, então, não tive problema. Tive problema no inglês que eu só sabia falar *McDonald's* e *Big Mac*. [RISOS] Quando eu fui para lá, e eu fui chamada, não tinha nenhum brasileiro, ninguém que falasse português, eu fui morar com uma família americana falando só *McDonald's* e *Big Mac*. [RISO] Eu falei: “Mas eu vou, eu vou!”

Edson de Lima - E essa transferência como é que aconteceu, Daniela? Você foi contatada durante algum jogo da seleção, foi algum empresário, como é que foi esse contato?

Daniela Alves - Teve a visibilidade pela competição do Mundial, aí teve a sub-19 e eles acompanham. Claro, e aí teve com o empresário e aí foi negociando até que fui. Chegando lá eu fui recebida pelo rapaz do clube, que era também da seleção americana, então, eu já conhecia, e a moça com quem eu ia morar. Era com dicionário: “Oi!” [RISOS] Então era



assim e eu para responder tomava o dicionário dela: “*Hi!*” [RISOS] Foi assim, aí eu falei: “Meu Deus, eu tinha dezenove anos, o que eu vim fazer aqui?”.

Lu Castro - Que cidade que era?

Daniela Alves - San Diego. Se eu tivesse que morar em algum lugar ia para San Diego.

Lu Castro - E o clima lá? Cultura, comida?

Daniela Alves - O início que foi... Comida a gente se vira.

Edson de Lima - E o *Big Mac* de lá é diferente [RISOS]?

Daniela Alves - Nem gosto de *Big Mac* nem *McDonald's*. [RISOS] Aí eu fui... Uma loira, olhos azuis, cansada, viagem longa: “Ah, vamos tomar um banho, você vai para o clube fazer os testes e tal para as inscrições”. No outro dia eu já ia viajar com o time, fazer a pré-temporada. Falei: “Legal”. Fui, tomei banho, fui fazer os testes, estava cansada, cheguei à tarde, vou dormir, tirar um cochilo, descansar... Fui descansar. Quando eu abro a porta do quarto, vi duas crianças negras. Falei: “Como assim? Ela é loira. Duas crianças negras. Bom, pode ser adotada, tudo bem”. Fui para o quarto, novamente quando eu vi saiu um negão deste tamanho: “Ladrão, ladrão, ladrão!”. [RISOS] Era o esposo dela, jamaicano, divertidíssimo... A cultura do Brasil: você pega a loira, casou, um negão... Eu falei: “Meu Deus e agora?”...

Lu Castro - Era um ladrão!

Daniela Alves - Mas divertidíssimo foi a minha estrutura. Divertidíssimo! Me deram de tudo, até hoje eu tenho contato, me consideram como filha e guardam um quarto para mim lá. Até hoje é assim, então, foi muito importante. Eu ensinei mais ela a falar português do que ela inglês a mim, mas até hoje a gente tem contato.



Edson de Lima - E tecnicamente, Dani, como é que foi para você? Foi enriquecedor para sua trajetória no futebol essa experiência nos Estados Unidos?

Daniela Alves - Foi muito boa, foi onde eu comecei a jogar em outras posições. Só não era bom o treinador, mas o time, as jogadoras, a estrutura...

Edson de Lima - O campeonato...

Daniela Alves - O campeonato por ser organizado profissional, era como que se fosse o masculino aqui era o feminino lá dos Estados Unidos, então, toda uma estrutura, viajar, organizar, tudo, tudo diferente...

Edson de Lima - Tinha figurinha da Daniela [RISOS].

Daniela Alves - Depois eu fui para à Suécia.

Lu Castro - Nos Estados Unidos você tinha uma cobertura, cobertura de mídia que eu digo, de jornal, vocês tinham? Era notícia?

Daniela Alves - Tinha, tinha bastante coisa, tem bastante material lá de San Diego, de jornais, tinha revistinha do clube. Tinha o sócio torcedor, torcedor vip que já comprava a temporada toda, tudo isso.

Lu Castro - Contra quem você jogou lá, de atleta de seleção dos Estados Unidos?

Daniela Alves - Ah! Todas elas jogavam lá, todas, todas.

Edson de Lima - Mia Hamm.



Daniela Alves - Mia Hamm! A Mia me conheceu de uma forma diferente, foi um jogo da seleção brasileira contra a americana. Ela conhecida, famosíssima e eu iniciante lá... Não era ninguém com quinze anos, fui marcar no escanteio e lá o juiz rouba descaradamente para elas, marcava pênalti sem ser... E a gente ganhou essa partida de dois a zero milagrosamente. De repente o juiz marcou várias coisas que acabou virando para quatro a dois o placar para elas. Aí eu, já bem sorridente, porque está perdendo... Ela vai no escanteio e olha para mim, eu marcando ela e ela olha para mim. Eu entendi o inglês dela [RISOS] “*for two*”. Aí eu: “Huhum!” Ela sofreu, eu fiz ela sambar no escanteio porque eu chutava o tornozelo dela por baixo. [RISOS] Falei: “Nunca mais você vai me dizer *for two*” [RISOS]. Então eu chutei ela o juiz não viu nada e eu chutava mesmo. Aí ela me conheceu dessa forma, depois virou minha amiga porque eu fui jogar lá, e ela viu que eu não abaixei a cabeça por ela ser a Mia Hamm e um dia a gente teve amizade.

Lu Castro - Você falou que você foi para a Suécia, como é que foi?

Daniela Alves - Fui, fui jogar na Suécia depois. Na Suécia o caso é engraçado que sou brasileira... Imagina brasileira atravessando na faixa de pedestre sem semáforo, você olha para um lado e para o outro e corre quando não tem carro. [RISOS] Na Suécia não, você chegou próximo os carros já param, você atravessa e eles continuam. Quando a gente ia para outra cidade, ia fazer a caminhada que lá é diferente; eles andam, gostam de andar, fazer essas coisas... Quando chegava na faixa de pedestre eu parava e olhava para um lado e para o outro e “*vrum*” para o outro lado eles davam risada. Aí eu falei: “Eu? Se eu Pego o ritmo de vocês e vou morrer no Brasil, continuo no meu mesmo ritmo”. [RISOS]

Lu Castro - E onde você jogou lá você tem algum nome de referência?

Daniela Alves - Eu joguei em Gotemburgo²⁷, na Copa Berg em Gotemburgo, e joguei no Linkopings FC.

²⁷ IFK Gotemburgo.



Lu Castro - E as competições, o que você ganhou lá? O que você competiu pelos clubes, o que ganhou?

Daniela Alves - Ah, jogamos. Nosso time competia diretamente contra o time da Marta na época, o Umeã IK, e a gente fez uma final. Lá é um país frio, chega final do campeonato já está frio e eu lembro a gente ganhou do time da Marta. Essa final era, não lembro o campeonato porque lá tem vários campeonatos paralelos, e eu senti uma câibra absurda na panturrilha. Minha panturrilha veio parar na coxa, eu olhava para ela: “Filha, nem que você caia e eu continue correndo, mas eu não vou parar porque eu vou ganhar esse...” E ganhamos esse campeonato e foi muito bom porque foi muito comemorado porque o time da Marta ganhava tudo e a gente bateu direto e foi para a final e ganhamos essa final, então, foi muito comemorada.

Lu Castro - Lembra o ano?

Daniela Alves - 2008 talvez, 2008, 2007, não me recordo bem.

Lu Castro - Silvana²⁸, você quer perguntar alguma coisa?

Silvana Goellner - – [TRECHO INAIDÍVEL] Algo sobre a lesão...

Daniela Alves - A lesão foi difícil por causa disso. Eu parei de jogar porque eu não aguentava mais ver médico, fisioterapeuta e ninguém de branco na minha frente. Eu sofri muito porque eu me lesionei nos Estados Unidos, no campeonato. No terceiro jogo do campeonato a Wambach²⁹ me deu uma entrada violenta e eu estava nesse jogo arrebetando... Eu tinha feito dois gols e eu acho... Acho não, tenho certeza, que na cabeça dela ela falou: “Vou tirar essa menina do jogo porque...” E o time dela acho que tinha feito

²⁸ Silvana Vilodre Goellner, que estava na plateia.

²⁹ Abby Wambach.



o gol. Nós saímos a bola, eu recebi no meio campo e ela me deu uma voadora que eu nem vi, por trás e eu cai gritando horrores.

Lu Castro - Ela foi expulsada pelo menos?

Daniela Alves - Acho que nem amarelo tomou por ser a Wambach e fui tirada. Eu não conseguia olhar, eu falei: “Quebrou, está com o osso exposto de tanta dor”. Tive hipotermia porque estava frio, fiquei lá fora suada; tive hipotermia, fui para o hospital de ambulância, *rarara* e tudo isso. Fiz a primeira cirurgia, nisso foi o ano inteiro. Meu fisioterapeuta foi para lá, a gente tratou, tratou, só que quando eu jogava, treinava, no outro dia o joelho inchava, então, ficou nessa luta. Vim para o Brasil, fiz a primeira cirurgia, fiquei seis semanas imobilizada, sem movimentar, dependendo para tudo: tomar banho, comer, tudo. Então, imagina a pessoa totalmente independente fica dependendo das outras. Mas graças a Deus tive minha mãe, cuidou tudo, aí fui voltar, não fiz uma boa recuperação, fiz outra cirurgia, não ficou bom, fui para a terceira cirurgia. Aí eu falei: “Eu só entro numa sala cirúrgica para ter meu filho”. E parei de jogar.

Lu Castro - Entre todas essas cirurgias, esse processo de não conseguir recuperar legal para voltar a jogar quanto tempo?

Daniela Alves - Ah, me lesionei em 2009, parei em 2010, fui para os Estados Unidos, fiquei lá, mas parei... Se não me engano, em outubro de 2010.

Lu Castro - E de lá para cá você acompanha, você tem interesse... O que você vê? Porque que a gente está num momento de ser mais falado, a gente tem falado mais de futebol feminino... Como que você acompanha isso, se você está acompanhando isso, desde 2010 para cá, o que é a sua vida?

Daniela Alves - Quando eu resolvi parar eu parei de tudo. Eu parei, não fazia nada. Eu fiquei sedentária, não fazia esporte, não dava nenhuma corridinha daqui ali. Nada! E também não acompanhava e também não tinha, digamos, saco para ficar respondendo



sempre as mesmas perguntas e todo mundo: “Por que você não volta?” “Por que você não volta?” Ninguém sabe o que eu passei nesse período. Então, eu tomei a decisão. Eu já tinha chegado ao que tinha que chegar. Eu já tinha ido para a seleção da FIFA, eu era a terceira melhor do Brasil, cheguei a ser a sexta melhor do mundo, então, não tinha mais o que... Eu pensei: “Eu vou me esforçar para competir agora e depois não vou poder nem brincar com meu filho!”. Porque você é útil no Brasil, principalmente, você é útil enquanto você está servindo, depois ninguém quer saber. Então eu sempre tive essa visão, parei porque eu jogava com prazer, jogava porque eu amava jogar, quando eu deixasse de ter isso eu parava de jogar. E foi isso que eu fiz. Eu parei de jogar, tomei as decisões na minha vida que foram importantes para mim, não pensando nos outros, mas em mim. Aí eu decidi parar e voltei a brincar porque meu amigo, meu fisioterapeuta, insistia muito para eu brincar... Porque eu sempre tinha uns amigos que brincavam, então, hoje eu só brinco com ele. E voltei a brincar, mas acompanhar acompanhar eu deixei de acompanhar também as meninas; tinha contato, mas competições também, porque a gente não tem muito acesso, mas sempre que podia falar eu falava porque nós somos a voz do futebol feminino, sempre alguém tem que estar falando porque se não ninguém lembra.

Lu Castro - Esse brincar que você diz é *society*, é salão, é uma vez por semana, como que é a brincadeira que você disse?

Daniela Alves - Ah, hoje eu sou idosa, é uma vez por semana. [RISOS] Só uma vez por semana, às vezes, eu brincava duas vezes porque, como eu disse, meu quintal sempre foi um campo ou uma quadra. Tem um campo *society* no final da minha rua que é sem saída, então, eu organizei lá uma brincadeira toda sexta com os amigos. Mas como não estava tendo tempo e eu tive que parar, aí acabou acabando, que ninguém organizar melhor que nós... Desculpa. [RISOS] Aí acabou acabando, mas o meu brincar era brincar de uma hora e meia correndo direto; eu corria mais do que quando eu jogava, mas era só uma vez por semana e agora eu só brinco *society* uma vez por semana também com os meus amigos.



Lu Castro - Mas você tem uma noção da importância do teu nome para história do futebol feminino brasileiro? O que você representa? Porque é o que eu falo, a Izzi estava desesperada: “Fala para ela voltar, é um talento, a gente não pode perder”. Aí outro: “Nossa, que feliz que eu estou de saber de ver a Dani, porque aí eu passei...” Está no hangout, aí no *Twitter*: “Que legal, muito feliz de ver ela”. Então, o Doutor Paulo³⁰ é maluco por você: “Daniela Alves, quando que vocês vão levar a Daniela?” Então, qual que é o seu sentimento em relação a isso, porque é um nome muito forte dentro da modalidade, todo mundo fala: “Craque”. Que sentimento que isso te produz?

Daniela Alves - É um conforto grande de você ter feito alguma coisa com prazer e porque amava fazer aquilo e as pessoas verem que você está fazendo aquilo com prazer e reconhecer. Eu só tenho noção disso quando alguém vem e fala: “Nossa, eu vi você jogar”. “Nossa eu acompanhei”. Porque eu não sei ser torcedora de assistir um jogo e ser torcedora, eu vou analisar os jogos, entendeu? Eu acho que atleta não consegue ser atleta de assistir, de vibrar igual uma outra pessoa. Eu não tenho essa visão e como eu jogava, para mim, jogar na seleção ou jogar lá no time da minha rua era da mesma forma, eu não tenho essa noção. Eu tenho essa noção quando alguém vem e me fala, quando eu estou andando na rua e alguém, ainda hoje depois de tanto tempo sem estar na seleção, alguém pegar e falar: “Nossa, você jogava, você não é tal pessoa?” Sabe, isso é conforto porque você andar e você só tem noção quando as pessoas te contam, quando você fala ou outro fala: “Nossa, eu tenho uma foto sua guardada até hoje”. Porque para nós é difícil, a gente encontra muitas pessoas, tira foto com todo mundo e alguém chegar: “Você lembra de mim, eu tirei foto”. Para nós é difícil, mas é gostoso você ver que a pessoa guardou aquilo com carinho porque gostava mesmo, te admira e admira e você passa uma coisa boa, você ser lembrado por uma coisa boa. Se você não fizesse coisas boas ninguém ia falar: “Ah, lá vem aquela pessoa”. Então alguém admirar porque você está aqui é bom, porque você passou alguma coisa boa para alguém, para mim é muito bom, é muito confortável.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁰ Paulo Roberto Silva Santos.